

RELATOS DAS LUTAS E ESPERANÇAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CLARO, PRATA E OURO FINO



PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL

**COMUNIDADE QUILOMBOLA CLARO,
PRATA E OURO FINO**



PROJETO
**CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

Fascículo Nº 8 Janeiro 2019

**Relatos das Lutas e Esperanças da
Comunidade Quilombola Claro, Prata e
Ouro Fino**

Coordenação Geral do Projeto
**Conflitos Sociais e Desenvolvimento
Sustentável no Brasil Central**
Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA)
Jurandir Santos de Novaes (UFPA)
Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB)
Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI)
Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEA/
UEMA)

Equipe de pesquisa

Paulo Rogério Gonçalves (APA-TO)
Maria Aparecida Ribeiro de Souza (COEQTO)
Evandro Moura Dias (COEQTO)
Lourivaldo dos Santos Souza (COEQTO)

Edição

Paulo Rogério Gonçalves (APA-TO)

Transcrição de áudio

Inês Torre Xavier (APA-TO)
Jacqueline Alves Santana (APA-TO)
Laurentina dos Santos Souza (APA-TO)
Luana Alves Patrício (APA-TO)
Noelma Martins de Albuquerque (APA-TO)

Cartografia e mapas

Alcindo Alves Patrício Castro (APA-TO)

Fotos

Paulo Rogério Gonçalves (APA-TO)

Projeto gráfico

Filipe Teixeira



**Membros da comunidade envolvidos na
elaboração do fascículo**

Antônio Dias dos Santos
Celina Francisco dos Santos
Deuzeline Francisco Torres
Diolino Batista dos Anjos
Dionísio Rômulo Francisco da Conceição
Elias Francisco da Conceição
Elizete Francisco Portugal
Enedino Quirino da Silva
Gregório Gomes
Gustavo Martins Godinho
José Francisco da Conceição
Maurílio Marques de Aquino
Miguel Simão da Silva
Nercino Carvalho de Torres
Prudêncio Cesário de Torres
Renil Alves dos Santos
Santana Maria Tiago de Torres Sionice de
Torres Bispo
Vicente da Cunha Souza

Ficha Catalográfica

R382

Relatos das Lutas e Esperanças da Comunidade Quilombola Claro, Prata e
Ouro Fino / Conflitos sociais e desenvolvimento sustentável no Brasil central –
N. 08 (Jan. 2019) / Coordenação da pesquisa: Paulo Rogério Gonçalves et al. –
Mauaus: UEA Edições / PNCSA, 2019.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA);
Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB);
Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen
Lúcia Silva Lima (UFPI).

ISBN: 978-85-7883-495-1

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Comunidades tradicionais. I.
Título. II. Gonçalves, Paulo Rogério.

CDU: 528.9:39

(Bibliotecária Responsável: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)

Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino



Patriarcas da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino

A Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino foi criada durante o Ciclo do Ouro, entre 1700 e 1800, na antiga região do Norte de Goiás, atualmente estado do Tocantins. Consolidaram seu território de direito cultivando suas roças de toco, criando gado na solta, fazendo suas festas tradicionais e construindo um conjunto de saberes e fazeres quilombolas altamente integrado a realidade socioambiental local. Viveram em paz por mais de dois séculos.

A partir da década de 50 começaram a ser atacados por grileiros. Os quilombolas resistiram e inicia-se um intenso conflito, casas e roças foram queimadas, pistoleiros ameaçam as lideranças, os quilombolas buscam apoio e resistem em seu território.

No ano de 2015, o Instituto de Colonização e Reforma Agrária/INCRA inicia a elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação/RTID do Território da Comunidade Quilombola de Claro, Prata e Ouro Fino. Os conflitos reduzem, mas não encerram. Até agosto de 2018 o INCRA ainda não concluiu o relatório antropológico, primeira peça do RTID.

Entre os anos de 2017 e 2018 foram realizadas oficinas de mapas e reuniões com a comunidade, o que possibilitou elaborar este fascículo.

Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino

“ Olha esse povo não está aqui por ser muito novo não, eu não sei bem a época, mas só pela idade que minha avó morreu, ela morreu com 103 anos, meu pai morreu com 88 anos. Aí você vai pegando a base, por que eles estão aqui muito antigo, ele me disse para pegar uma base, que eles fugiram das Palmares. A família da minha mãe fugiu das Palmares, do lado do Maranhão. Do maranhão que vieram para aqui, eles foram um povo escravizado, que eles

tinham medo dos acontecimentos. Por que eu fui criado pela minha avó, sempre perguntava para minha avó a situação de vidas deles, por que minha avó era o seguinte, ela não podia ver um avião zoar. Esse grupo de pessoas, quando eles viam avião zoar, eles procuravam um modo para se esconder, que disse que ia voltar para escravidão. O povo tava pegando as pessoas para voltar a escravidão de novo, então eles faziam uma roça dentro de uma mata que tinha aquelas erosão, aquelas grotas. Eles furavam um túnel dentro daquelas grotas, fazia uma casa dentro do chão, um túnel, quando ouvia qualquer avião zoar, moetava todo mundo dentro do túnel. Então eles ficavam na roça trabalhando, deixava a gente dentro daquela toca lá, as meninas ficava lá dentro, por qualquer motivo eles ficavam escondido por ali. Então eles tem muitos anos que moram por aqui, por que eles contam que a geração deles acabaram por aqui, morreu tataravó, bisavó, essa geração acabaram tudo aqui. Por essa região foi aonde eles acharam um ponto de mucama, e a família do meu pai é uma família escravizada, é do lado de Conceição, é a família Bispo do Tocantins. Ele conta a situação deles, eles contam, eu tenho um tio já é falecido, mas conheço pessoas que já foram vendidas, ele foi vendido, ele foi vendido e passou por muitas mãos. Eu acredito que esse povo estão aqui é antigo, só pelas velhas moradas que tem deles, que você vê que eles estão aqui de muito tempo. Eles vieram e

começaram a trabalhar no garimpo, eles contavam, minha avó, que eles passaram por mineradora de Fátima. Eu conheço túnel lá onde eles chegaram a trabalhar, tudo isso eu conheço. Eles mesmos ficou sem nada, conseguiu tirar todos os ouros para as outras pessoas levarem, eles não ficaram com nada porque eles trabalhavam ainda escravizados. O tataravô da minha avó é enterrado na região, meu tataravô chamava Colodiano e a minha tataravó chamava Geroma. Toda vida trabalhamos com a roça de toco, foi toda vida, a gente passou uma fase muito sofrida. Vivia da roça de toco, que tinha que plantar a mandioca, o milho, você plantava a abóbora, você colhia tudo ali. Você tinha que plantar e você ficavam com a terça, eles tomavam, isso aconteceu aqui com minha família, tinha que trabalhar e na hora ficava com a menor porcentagem, e a maior parte da porcentagem era para o dono da terra. Meu pai era um cara muito forte, meu pai tinha 4 famílias, ele convivia com 4 famílias, conseguia dominar essa família completa. Minha mãe teve 17 partos, escapou 13, e eles conviviam, nenhuma foi para a cidade dessas mulheres dele para fazer o parto no medico, foi tudo na roça, uma foi parteira da outra. E elas saiam trabalhando na roça, tudo grupo completo, e elas não tinha desunião. Eu vim colocar sandália no pé quando comecei a trabalhar para mim comprar, pra mim calçar eu pegava aqueles pneus e fazia chinelo. Roupa, você só tinha um jogo de roupa para usar, quando a gente sai, mas quando

ficava em casa ficava pelado, igual a índio. Homens e mulheres naquele meio, e quando chegava visita não podíamos sair, a gente tinha que ficar escondido, por que estávamos nu. Então com 13 anos de idade eu sai para trabalhar, para adquirir as coisas, trabalhava com fazendeiro 30 dias para ganhar um jogo de roupa, trabalhava meio escravizado. Meu pai morava aqui, tinha a terra dele aqui, então chegou um fazendeiro, pois uns gados para ele criar, deu uns gados para ele criar, um senhor de Bernadinho Mourão. Ele foi olhando esses gados, daí a pouco ele trocou ele com tudo que tinha.

Renil Alves dos Santos



Seu Renil Alves dos Santos



Seu Gregório Gomes

“ Sou Gregório Gomes estou com oitenta anos. Nasci aqui mesmo no sertão, aqui no Tocantins. Pai eu não conheci, eu nasci, com sete dias mãe morreu. Meus avôs moravam aí na beira do rio. Com dez anos eu me mudei aqui para dentro e estou aqui até agora. Minhas roças era lá onde eu vivia, de uma fazenda para outra, e aí não dava certo, aí quando eu vim pra beira da Caraíba, tinha chácara boa, casas grandes. Já está dentro de uns cinco anos que eles vem batucando comigo. Eles foram lá com armas, com foices, desse jeito, chegaram e mandou desocupar, eu falei que não, que eu não estava desagasalhado, eu estava agasalhado. Há você tem que sai, ajunte seus trens, que eu vou botar você lá para o cerrado. Eu falei não, aí eu fiquei moendo, até no que resultou, queimou minhas casas tudo. Queimou tudo sete casas, cada filho tinha uma casa, uma cozinha grande, e elas queimaram tudo, pode dizer que é sete casa e com a oficina oito. Morava com os filhos, os filhos mais eu lá, e todos fizeram casas. Era domingos, Reinaldo, Altim e o Naboa, tudo moravam perto e queimou tudo, ariou, canavial, bananal, mandiocal, que todo tempo tinha farinha, acabou tudo. Arroz que eu colhi, não provei nem nada, que estava muntuado, empilhado. Chamou a atenção da mulher do Altim, que tinha que sair, que eles iam enterrar ele com a mulher e com os filhos lá debaixo daquele pé de jatobá, e está lá o pé de jatobá quem quiser ver. O pessoal saiu e eles queimaram a casa, saiu, de qualquer jeito saia. Foi um bando, eles eram uns três. Armado e com a foice, foice com o cabo. Quero voltar

para a terra, pra lá, para o mesmo lugar quero voltar é pra lá, toda vida e lá, que eu num tenho outro lugar. Eu tenho que sentar e lá, eles me rancou do local que eu estava, minha casa boa, sede boa, eles me rancou do local que eu estava. As taperas estão lá, quem quiser ver aí na beira da Caraíba, eu sempre gosto de ter minha chacarazinha no terreiro da porta, pra mim lidar, acabou tudo. Meus filhos, dois está aqui, e o outro foi para Cavalcante e está lá, em Cavalcante. Está querendo voltar, mas está com medo de vim, está lá e o outro morreu o Nabo, esse morreu.

Gregório Gomes

“ Sou Prudêncio Cesário de Torres, tenho sessenta e cinco anos. Muitas pessoas mais velhas aqui que morreu com cem anos, outros com sessenta de procedente, minha avó mesmo morreu com noventa e cinco. Nasceu aqui, no dizer da minha avó, a minha bisavó morreu com cento e um anos, a minha bisavó. Tataravó que a minha avó falava, é nessa propriedade, é aonde eu resíduo até hoje, aonde era da minha tataravó, aí passou para minha bisavó, aí passou para a avó. E foi passando, e eu moro nesse local até hoje, que é a residência na beira do rio Claro. Quando fala beira do Claro, é que as vezes a gente muda de ponto, quando é fraca, porque os velhos daqui não tinha esse negócio de fazendeiro proibir, a terra era voluntaria da população toda. Porque morava hoje aqui, e amanhã já não estava bom, e pulava o Claro pra ali, e fazia uma roça lá. E fazia uma casinha, que nesse tempo ninguém fazia casa boa, todo mundo era fraco, aí fazia uma casa lá, e ficava, quando era pouco voltava para o mesmo local de novo, mais ali encostado, só mudando de lado para outro. Mais sempre ali, realmente desta maneira, aonde eu tenho casa lá, ainda tem a certidão da minha avó, e do meu pai, e do meu avô, e do meu bisavô, todo mundo. E conheço, vai certidão de procedentes como o do pai deles, aqui eu conheço. Vários certidão dá onde eles morava e foi criado, também mostra as taperas, tudo é aqui dessas



Seu Gregório Gomes nos restos de sua casa queimada pelos grileiros



Seu Gregório Gomes na porteira onde foi vítima de emboscada dos grileiros

peessoas mais novatos, igual eu, tenho a idade de sessenta e cinco anos. É pouco que conhece igual eu conheço, é poucos. Tudo enterrada neste local, minha tataravó, minha bisavó, meus avos, meus tios, tias tudo nesse local encostado. Quando eu produzo às coisas, a gente só nas costas, tinha o animal para carregar da roça para casa, além do mais a gente colhe é milho, é batata, mamão, é andu, mandioca, cana, esses trens que a gente produz. Eu na minha chácara, lá sempre tem essas coisas, ainda nesse local é aonde eu trabalho direto. Eu tenho essa propriedade cá em baixo e a roça lá na serra que é aonde o homem deu o maior estrago comigo. Que toda vida nós foi criado assim, às vezes nos temos a propriedade aqui e cria os porcos. Mais ali não pode misturar roça com porco, ele destrói a mandioca, ele destrói o milho, ele destrói a batata antes de dar a fruta. A gente fazia a roça um pouco mais longe, para poder cultivar naquele ponto, e aí foi onde ele me deu um prejuízo, foi em 2016 que ele me deu esse prejuízo. Que eu tinha uma roça lá e ele não mexia, e depois ele disse a terra é minha. Quando eu fui ver o direito da terra, não é dele, é sim do estado, é nossa, que nós somos procedentes, nascemos e criemos, a terra é nossa, e ele queria rancar nos de lá. Ele foi com o juiz lá e fez a reintegração de posse, de direito para nós desocupar, como a terra era dele, desse jeito. Eu fiquei um tempo

sem ir lá na roça, porque com o juiz, com a lei a gente não pode contestar, tem que ver. Aí quando eu corri atrás direitinho, arrumei um advogado da nossa população, ele falou não, pode você continuar trabalhando aí. O ano trasado eu colhi, quando foi o ano passado ele botou o IBAMA em mim, na roça, o meio ambiente, aí eu paralisei. Eles não correram atrás para legalizar, eu fui no Paranã várias vez, e fui em Palmas, correr atrás desse trem. Para regularizar essa área, para poder eu produzir e nunca correu atrás, agora diz que deu uma licença que é para mode eu trabalhar, mas nunca passou em papel. Eu gosto da coisa é quando passa em papel, que é para a gente está com aquilo na mão. Estou na área de novo. Ele está parado, assim, ele está parado por que ele está sem poder movimentar, por que ele não está achando galho de entrar. Por que se ele mexer, nos cutuca ele, mas ele não está mexendo com nós mais, se a gente faz uma coisa, ele vai lá e bota o meio ambiente na gente, está dessa maneira. Fui multado uma vez. A multa era seiscentos reais, era uma roça de toco, e até o próprio pessoal do meio ambiente disse que não necessitava eles terem ido lá nessa roça para me multar. Porque não tinha cabimento de ser multado dessa roça, porque a rocinha era pequena e fora da margem do rio, porque eu respeito o direito, que eu conheço pela lei. Até proibiu eu fazer o rancho de casa lá,

não era para fazer, com essa reintegração de posse eu perdi muita coisa, perdi arroz, perdi milho, perdi um bocado de coisa. E até os trem meu ainda está lá, ainda com esse negócio dessa multação, está lá na roça. Ainda que eu nunca busquei, eu falei que não ia buscar enquanto eu não resolver esse problema, que eu não abandono meu sitio assim, eu sou daquele teimoso, que gosto de ver a coisa é legal. Tenho um gadinho lá, pouco, mas tenho, ficam solto. Ele nunca teve, ele começou fazer, e depois ele acabou com tudo, por que nem o curral e nem casa ele tem. Não tem nada, só tem um gado que ele trouxe agora para devorar roça dos outro, só isso. Lá não tinha funcionário, as vez já pode ter colocado, porque eu não estou andado lá nessa área dele, porque quando a pessoa, nós não se dá bem, a gente tem que se abrir dele, por que corre muito risco. Nem ele mexe e nem eu mexo, mas eu vou voltar a mexer lá na minha área, que é aonde eu criei meus meninos tudinho. Eu paguei uma multa lá de duzentos reais, e ele falou que eu podia continuar trabalhando, só que eu num podia derrubar outra parte enquanto não aproveitasse aquela área.

Prudêncio Cesário Torres



Seu Prudêncio Cesário Torres



Seu João Francisco da Conceição, José Maroto



Roça de cana-de-açúcar e banana



Casa tradicional

“ Eu moro no sitio Laje, entre os rios Laje e Prata, desde quando eu nasci. Meus pais, meus avôs paternos e maternos, a mãe do meu pai ainda existe, está com uns cento e poucos anos, também mora lá. Meus avôs, minhas avós, meus avôs pais da minha mãe, meus avôs pais do meu pai, todos enterrados lá. Trabalho de roça, eu sou lavrador. Planto arroz, milho, mandioca, algum feijão de corda e batata. Roça de toco. Não chega alqueiro não, que sempre a gente faz um pedacinho, aí vai mudando, deixa aí, e vai mudando pra frente, sobe lá para riba, e depois desce cá para trás, de onde a gente já mexeu, e está um matão de novo, é assim o comum, é esse da gente lá. Tarefa que a gente fala aqui é de trinta por trinta mais ou menos, é umas cinco tarefas de trinta por trinta. Trinta braças que a gente fala, vai grande, vai longe, dá umas roças até boa, e aí cabe à mandioca, cabe o arroz e cabem as outras plantinhas, milho, porque de tudo a gente planta. Eu sempre uso plantar três anos, aí quando já está meio abatida, fraqueando a terra, eu largo essa e já faço outra derrubada na frente, e vou indo, mais na foice e no machado. Tem problemas, antes não tinha, não falaram que a terra era do estado, e aí vou indo. De uns tempos pra cá entrou um senhor Bastião, vendeu baratinho para um senhor Belisco, que é residente aqui em Campo Alegre. O Belisco vendeu para o Adão, que é esse que está causando o problemão, agora mês passado mesmo ele foi lá e cortou à cerca da minha roça. O gado tomou conta, além de te dado parte de

mim, por que ele deu parte de mim primeiro, aí pra mim já vim receber a intimação, já tinha uns quinze dias, e era pra mim recorrer com quinze dias. Num deu tempo, aí quando ele ficou sabendo que eu não fui, aí ele veio de Goiânia, que ele mora em Goiânia. Veio de lá pra cá e foi até pra me bater, chegou lá com um facãozinho, só que eu não estava, só tinha os meninos lá, e ele falava assim, que chega e benzia a cara do menino no facão. Aí passou lá na roça, cortou a cerca e deixou aberto, aí eu fui em Paranã, fui na diretoria para dar uma parte dele. Chegou lá, o promotor falou pra mim que eu não tinha direito mais de mexer, por que eu tinha que percorrer com quinze dias e eu não fui, então o Adão passou a ser a vítima e eu o agressor. Aí eu falei para ele que eu não era o agressor, que eu nasci lá, então eu não era agressor. E promotor falou que então era o seguinte, se o senhor nasceu lá mais não veio o senhor ficou, quem está com a dor é que geme. Ele caminhou na frente, aí foi que eu fui e liguei para o advogado nosso da associação que é o Doutor Silvano, aí ele disse pra mim registra um BO, e mandar para ele por e-mail. Eu mandei e está no juiz federal, ainda estou esperando a decisão do juiz, que o juiz abraçou a causa. É que estou lá sem poder mexer, tanto que esse ano de roça eu não tive nada, porque o gado comeu tudo. E por antes o juiz falou que eu não posso mexer enquanto não resolver, aí foi deixar o que tinha de planta trem comer e está lá, comendo o resto que tem. Estou sem roça, não

colhi nada de roça esse ano, só vi os outros colher a redor, que é a dos vizinhos, e eu mesmos não colhi nada. Pois é aí é que é, andei judando os outros colher, um aqui e outro ali, ganhei um saco de arroz, dois sacos ali de outros, e assim judando os outros, por que eu mesmo não tive. Continuo lá, estou aqui em Campo Alegre, por que eu fiz uma casa aqui para por a mulher com as crianças para estudar, mais de trabalho para trazer o sustento para a casa vem de lá, por que eu não tenho uma profissão. É a profissão minha é essa aí, puxar enxada mesmo. Mas estou com esse problema fortíssimo com esse rapaz, e ele foi lá pra mim matar, e se eu estou lá mesmo, eu não ia abrir dele não. Porque ver ele cortar minha cerca, meus trem, e eu vendo gado comer tudo, eu não ia deixar. É aonde ele ia me cortar mesmo no facão, por que ele disse que já foi pra mim cortar no facão. Adão Ribeiro dos Santos é o nome dele, e mora lá em Goiânia. Vou continuar plantando, por que é a única profissão minha, deu trazer alguma coisa pra casa, e isso aí é plantar roça, continuar plantando. Eu não quero sair de lá não, há não ser que o juiz mande eu sair. Aqui é um território quilombola, e eu estou com mais fé agora.

Vicente da Cunha Sousa.



Seu Diolino Batista dos Anjos



Seu Miguel Simão da Silva

“ Pois é, eu vendi uma área pro Adenil, setenta e cinco alqueires, bom, ele não me pagou, vendi uma outra área trinta alqueire pro Valdeci, o Valdeci me pagou. O Adenil não me pagou e ele roubou meus documentos. Eu tava de viagem, dia cinco de dezembro de sessenta e quatro, eu ia pra Arraias, tava muito inverno, pedi ele proteção, se ele podia me levar ele disse eu levo. Aí eu tirei os documentos e dei a ele pra guardar, e que no outro dia eu voltava, como eu voltei eu o companheiro meu. Fomos lá, falei com a mulher dele, eu disse, eu quero os documentos agora, qual é o documento que você tem, qual é o documento que você me deu, eu disse tô procurando o que é meu, o que eu dei aqui pra guardar. E aí nós brigamos, e eu vi a hora da morte, porque esse dia, eu tenho um trinta e oito bom, e ele tava acostumado bater em homem. E aí eu tinha um companheiro, que era muito curioso, foi assim na beira da casa olhando ela e me chamou, e eu olhei ele apalpando, aí ele disse v'ambora compadre. Eu disse eu não vou não, eu quero meus documentos,

era os derradeiros documentos que meu pai mais, meu avô e minha mãe deixou pra mim, derradeiro futuro. Ele disse v'ambora, eu disse não vou que aqui agora hoje você vai ter que esbarrar pra ver a morte de nós. E aí ele me empurrou, a mulher dele ainda tá aí, pode procurar ela, me empurrou, ela me pegou pelo braço. E não me deu meus documentos e ele chama e diz que é dele. Ele fala que tem essa fazenda aí, ele pegou essa terra daqui da Sucupira e vendeu tudo a parte de cá. O Adenil ele tomou a outra parte da gente, tudo de mão dada por conta que ele furtou meus documentos, mas ele não comprou nada meu.

Miguel Simão da Silva



Dona Santana Maria Tiago de Torres



Membros da atual diretoria da associação: Dionísio Rômulo Cezário Francisco da Conceição, Deuzilene Francisco Torres, Elisete Francisco Portugal, Albertino Vidal Santana



**PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

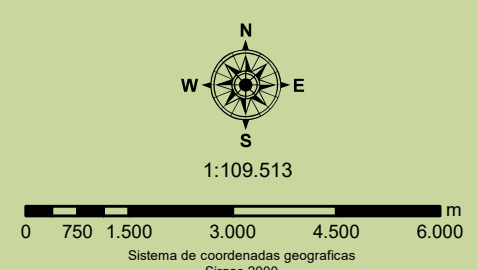
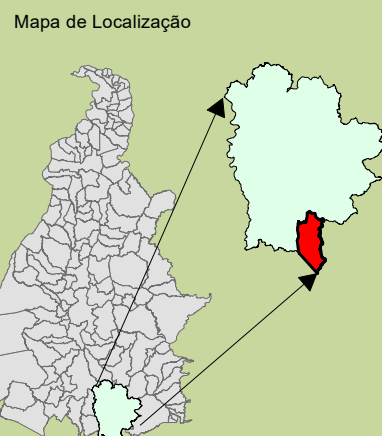
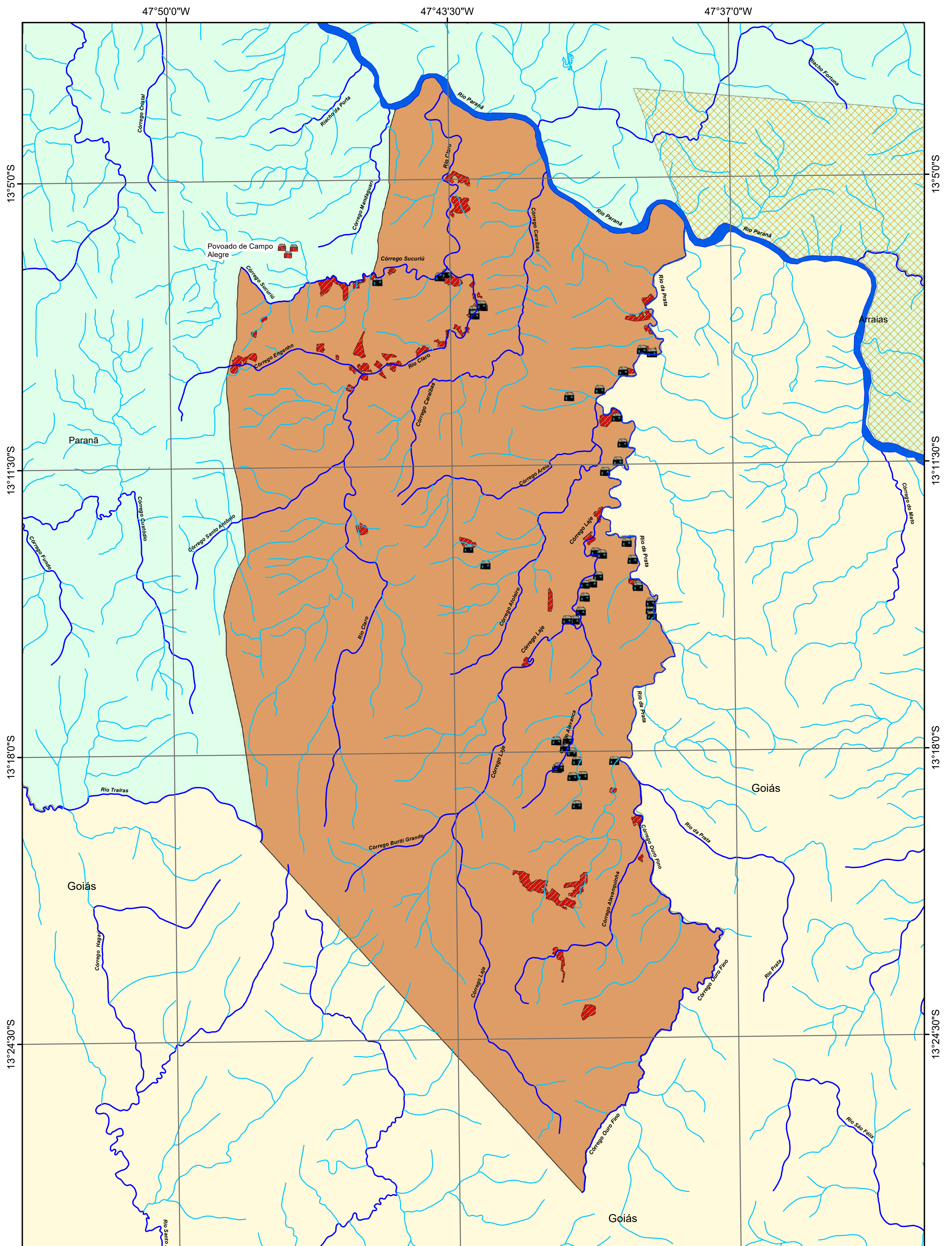
1. Fecho de Brejo Verde na Luta por nosso modo de Vida.
2. Luta e Resistência pelo Território.
3. Cartografia Social de Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco.
4. Comunidade Tradicional Quilombola Família Lídia Batista do Sangradouro Grande.
5. A resistência das comunidades tradicionais de Campos Lindos em seus territórios: Serra do Centro e Mirante
6. Comunidade Quilombola Buriti do Meio Núcleo
7. Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso Kalungueiros na Luta Pela Regularização do seu Território - Minas Gerais
8. Relatos das Lutas e Esperanças da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino

Realização:

Apoio:

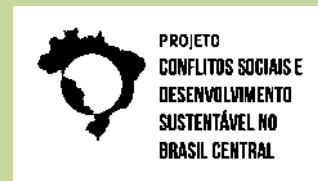


TERRITORIO QUILOMBOLA CLARO, PRATA E OURO FINO



Fontes: Croqui dos participantes das oficinas de mapas, pontos coletados com GPS de navegação, base de dados SEPLAN 2012 e IBGE 2009

- Legenda
- Hidrografia
 - Famílias Quilombolas
 - Povoado de Campo Alegre
 - Áreas Desmatadas por Grileiros/ Locais de Roças Quilombolas
 - Áreas sem estudo para desapropriação/ em posse de grileiros
 - Perímetro do Território Claro Prata e Ouro Fino
 - Limites da Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso
 - Limites de Municípios
 - Limite de Estado



PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZONIA

CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL CENTRAL

TERRITORIO QUILOMBOLAS DAS COMUNIDADES CLARO, PRATA E OURO FINO

Equipe de Pesquisa:
 Paulo Rogério Gonçalves (APATO)
 Willismar Tiago dos Santos
 Walter Tiago da Cunha
 Maurício Santana Godinho

Cartografia: Alcindo Alves Patricio Castro (APA-TO)